

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

3 e 11 de Abril de 2025

ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO – em colaboração com a 18ª Festa do Cinema Italiano

NATA DI MARZO / 1958 “Nascida em Março”

Um filme de Antonio Pietrangeli

Argumento: Age e Scarpelli, Ruggero Maccari, Ettore Scola, Antonio Pietrangeli, a partir de uma ideia de Pietrangeli / *Diretor de fotografia (35 mm, preto & branco, formato 1x37):* Carlo Carlini / *Cenários:* Piero Polletto / *Figurinos:* Gaia Romanini / *Música:* Piero Morgan; canções: “Lina” (Dario Fo), “Io Ciccio e ‘sta chitarra” (Mimmo Del Sud) / *Montagem:* Eraldo da Roma / *Som:* Mario Amari, Luigi Forelli / *Interpretação:* Jacqueline Sassard (*Francesca*), Gabriele Ferzetti (*Sandro*), Mario Valdemarin (*Carlo*), Tina De Molla (*Nella*), Ester Carloni (*a avó Elvira*), Franco Rossellini (*Orlando*) e outros.

Produção: Carlo Ponti (Roma), Les Films Marceau (Paris) / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 110 minutos / *Estreia mundial:* 28 de Fevereiro de 1958 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Nata di Marzo é a quarta longa-metragem de Pietrangeli, à qual deve ser acrescentado o episódio que realizou para **Amori di Mezzo Secolo**. E ao cabo de cinco anos, quatro longas-metragens e uma curta de vinte minutos, a posição de Pietrangeli no dinâmico e variado cinema italiano permanecia um tanto ambígua. Um cineasta deve ser julgado pelos seus filmes e não pelas suas declarações e um dos problemas levantados pelo cinema de Pietrangeli reside precisamente na desfasagem entre algumas das suas declarações genéricas e alguns dos seus filmes específicos. Por outras palavras, Pietrangeli manifestava ambições que, por vezes, eram contraditas pela forma dos seus filmes, oscilando talvez de modo deliberado entre projetos pessoais e trabalhos mais oportunistas, ou seja, entre filmes “sérios” e comédias relativamente modestas (e a comédia italiana é especialmente complacente com as fraquezas dos seus personagens). Esta estratégia seria utilizada por outros realizadores, mas talvez tenha contribuído para o facto de Pietrangeli nunca ter sido considerado entre os maiores cineastas e sim entre aqueles que são capazes de fazer bons filmes.

Num ambicioso artigo, Giulio Fedeli é de opinião que **“Nata di Marzo pode ser considerado um filme-charneira da filmografia de Pietrangeli. É o filme que fecha a sua primeira fase, em que ele expõe e antecipa motivos e modos do seu cinema (a mulher como figura central, a escolha a favor da «comédia») e inaugura a grande série de retratos femininos sobre o fundo da uma Itália em pleno «boom» económico, em que se afirmam novas categorias sociais, nascidas do bem-estar”,** aquela Itália de início dos anos 50 que **“não era mais a do pós-guerra mas não era ainda certamente a Itália do desenvolvimento e da prosperidade compartilhada”** (o filme é situado em Milão e a dada altura vemos, ainda em construção, o edifício Pirelli, um dos símbolos da cidade e da moderna Itália da segunda metade do século XX). Foi neste período de meados dos anos 50 que a comédia começou a levar a melhor sobre os filmes de extração neo-realista em Itália e, na opinião de Fedeli, **“com Nata di Marzo a opção pela comédia do ex-crítico Antonio Pietrangeli, partidário do realismo cinematográfico, ilustra a sua consciência que a comédia é precisamente o «género» mais adaptado a alguém que, como ele, vê o cinema como espelho de «problemas humanos objetivos, que mudam conforme as contingências históricas”.** Mas o facto é que do ponto de vista estilístico e narrativo, Pietrangeli parece hesitar em **Nata di Marzo** se deve ou não fazer

verdadeiramente uma comédia, género para o qual o tema narrativo do filme – a incompatibilidade fundamental num casal formado por um trintanário inserido na sua profissão e uma adolescente intragavelmente infantil – presta-se perfeitamente bem (veja-se o magistral **Teresa Venerdi**, de Vittorio de Sica, de 1941). Raramente a protagonista de um filme foi tão insuportável quanto a criatura nascida em Março que é o personagem principal deste. Ela própria tem consciência disso e diz ao martirizado marido: *“Como pudeste suportar-me esse tempo todo?”*, frase que também se dirige ao espectador, ainda que esta não tenha sido a intenção de Pietrangeli. O facto da mulher falar pelos cotovelos, de modo ininterrupto, sempre para atazanar (e mentir com ilimitada desfaçatez quando a situação parece grave), que poderia ser um elemento cómico deixa de o ser precisamente porque é ininterrupto, sem pausas ou tréguas. Como observou à época Giulio Cesare Castelllo num artigo em *Bianco e Nero*, o filme tem um problema *“de medida: é evidente que um jogo como aquele a que assistimos aqui tem obrigatoriamente de ser proporcionado e **Nata di Marzo**, pelo contrário, gira sobre si mesmo, envereda por uma série de variações demasiadas vezes repetitivas, para chegar a uma conclusão previsível através do caminho mais longo e tortuoso, quase como se tentasse esconder uma graciosidade que, no género cómico, nada tem de um defeito”*. Isto acaba por também enfraquecer o esquema “feminista” do filme, o tema da mulher que deixa o marido para adquirir independência, não só por vir demasiado tarde (ao cabo de oitenta minutos de projeção), como por ser nitidamente uma medida provisória, embora ela declare que faz parte de uma *“guerra de independência”*. Há ainda um pormenor do filme do qual Pietrangeli se orgulhava numa longa entrevista de 1967 e que passará despercebido a todos os espectadores de hoje, de tal modo o mundo mudou: *“era muito importante há dez anos, quando fiz o filme, decidir se um marido pode enganar a mulher e ela não pode enganar o marido (a nossa legislação continua a considerar válida esta diferenciação medieval). Era bastante à frente do tempo o facto que um marido italiano (para mais, calabrés), aceitasse explicitamente, não apenas num plano teórico, mas também num plano prático e pessoal, a paridade com a mulher neste domínio específico”*.

A ambiguidade fundamental do filme – nunca é visível se o realizador ironiza ou não aquilo que mostra – manifesta-se desde o início, nas sequências que mostram o namoro do par: quando chega o momento do primeiro beijo, Pietrangeli ilustra a cena com uma altissonante música sinfónica, sem que fique claro se se trata de uma opção irónica ou, ao contrário, de uma ilustração absolutamente convencional de uma situação precisa. A clássica e boa ideia de argumentista que consiste em fazer com que o casal de conheça e se reconcilie num elétrico passa quase despercebida em meio às hesitações estilísticas do filme. Pietrangeli talvez devesse ter optado abertamente por uma comédia, que é, para citarmos mais uma vez Giulio Cesare Castelllo, *“o género no qual a nossa indústria cinematográfica, pobre de ideias, de fantasia e de coragem, ancorou-se há muito tempo, por ser aquele que implica menos riscos. O temperamento melindroso e aéreo da protagonista só pode ser considerado um defeito se considerarmos **Nata di Marzo** como um filme sobre o casamento burguês e não apenas como um filme sobre as aventuras de uma jovem amalucada e imatura às voltas com o casamento. Seja como for, o filme sobre o casamento ainda está por ser feito. Isto não impede, voltamos a dizê-lo, que **Nata di Marzo** seja, até determinada altura, um contributo notável ao género cinematográfico da comédia burguesa, do qual ainda podemos esperar interessantes desdobramentos”*.

Antonio Rodrigues